

*Da palavra (Vākyapadīya)*, tradução de Adriano Aprigliano

Editorial UNESP

Autor: Bhartṛhari

Ano: 2014

Número de páginas: 206

Reseña elaborada por: Lucas Nascimento Machado<sup>1</sup>



Cómo citar en normas APA: Nascimento-Machado, L. (2016). Reseña del libro *Da palavra (Vākyapadīya)*, de Bhartṛhari (in press) paper. *Rev. Guillermo de Ockham*, 14(1), in print.

Publicado em 2014 pela Editora UNESP, a tradução de Adriano Aprigliano do primeiro livro do *Vākyapadīya* (“Da palavra”), de Bhartṛhari, representa um importante marco no estudo das tradições especulativas indianas no Brasil e na América Latina, e insere-se em um projeto maior do tradutor de fazer a tradução completa do *Vākyapadīya*, junto à tradução de seu comentário mais antigo, o *Vṛtti*. Temos aqui então, como primeira parte desse projeto, a tradução do primeiro livro (ou *kāṇḍa*) desta obra (que é composta de dois livros, o *Brahmakāṇḍa* e o *Vākyakāṇḍa*, o “livro do *brahman*” e “o livro do enunciado”, respectivamente), livro no qual se faz uma “suma da tradição” gramatical indiana e de suas principais teses acerca da palavra, da relação entre sentido e palavra e do processo pelo qual a linguagem se articula e chega ao âmbito da expressão e da comunicação por meio dos órgãos fonadores. Aqui, algumas das teses fundamentais de Bhartṛhari são enunciadas e desenvolvidas, tais como a concepção de *Brahman* como a essência eterna e indivisa da palavra, por meio da expressão e expansão do qual o mundo inteiro seria criado. Além disso, também é discutida e desenvolvida a tese (considerada por alguns precursora de determinadas teorias filosóficas contemporâneas da linguagem) de que a unidade do sentido ou a “instância verdadeiramente comunicacional da língua” (p. 34) se encontraria no enunciado (*vākya*), e não nos vocábulos (*pada*) ou nos fonemas (*varṇa*), bem como a divisão da palavra em três

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-FFLCH-USP. E-mail lucasmachado47@gmail.com

níveis, a *vaikharī* (a palavra “articulada” serialmente, expressa pelo aparelho fonador do falante e recebida pelo aparato auditivo do ouvinte), a *madhyamā* (a palavra “mental”, apenas concebida pelo intelecto mas não formulada na articulação e na expressão sonora) e a *paśyantī* (a forma latente e essencial da palavra, que conteria todas as suas possibilidades de sentido e de manifestação verbal em sua forma originária e desprovida de diferenças).

A obra, composta por 183 dísticos, representa um verdadeiro desafio interpretativo, o que se deixa mostrar de diversas formas, entre elas pelo nível de especificidade de algumas das discussões feitas pelo texto, que muitas vezes se referem a aspectos extremamente técnicos da tradição gramatical indiana e de suas obras principais, às quais Bharṭṛhari sempre se remete. A isso se acrescem as dificuldades, que o tradutor em nenhum momento teve receio de admitir, de tradução de determinadas passagens, às vezes por possíveis lacunas do texto, e às vezes apenas devido ao uso de uma terminologia e de um vocabulário extremamente difícil de se elucidar, sem acesso às fontes e referências contextuais e culturais a que o autor poderia estar se referindo e que nem sempre temos à nossa disposição. Sendo assim, parece-nos que foi uma opção acertada do tradutor não publicar apenas os 183 dísticos, mas também fazê-los ser acompanhados do comentário mais antigo ao texto, a *Vṛtti* (que costuma ser atribuída ao próprio Bharṭṛhari), acompanhamento que, como é bem sabido por aqueles que estudam as tradições filosóficas indianas, nos mais das vezes se faz necessário para tornar compreensível os textos originais de que são comentários, dado o quão condensados e crípticos estes últimos tendem a ser. Nesse sentido, também é de grande valia a introdução fornecida pelo tradutor, na qual se oferece um breve panorama da tradição gramatical na Índia e de seus principais autores e obras, situando Bharṭṛhari no interior dessa tradição e apontando os seus principais interlocutores dentro dela, tais como Pāṇini e Patañjali. Além disso, as muitas notas feitas pelo tradutor, que por várias vezes se valem do período que ele passou, em seu pós-doutorado, com o professor Ashok Aklujkar e dos comentários feitos por este ao texto, são extremamente valiosas e contribuem significativamente para a compreensão do texto, explicando alguns de seus termos e discussões mais técnicos e específicos (sobretudo no que diz respeito aos termos técnicos gramaticais utilizados ao longo do texto), e esclarecendo por diversas vezes as referências à tradição gramatical do pensamento indiano.

Em relação à tradução da obra, é inegável o cuidado e a atenção dispensada pelo tradutor ao texto, que confessa sempre o desafio deste e não teme em expor sem

reservas as dificuldades de tradução e os pontos problemáticos para os quais não julga ter encontrado nenhuma solução satisfatória. De um ponto de vista mais formal e relativo à apresentação do texto, contudo, teria sido interessante, no que concerne à leitura do texto, que se dispusesse primeiramente apenas os dísticos ininterruptamente, para que depois então se apresentasse os versos acompanhados do comentário da *Vṛtti*. Tal disposição do texto (que talvez pudesse ser adotada em suas próximas edições) facilitaria formar uma visão do todo da obra e do seu sentido geral (ainda que, naturalmente, uma visão incompleta e parcial, dada a dificuldade inerente ao texto), antes de ter de o leitor ter de se ocupar com o comentário e com o detalhamento do sentido específico de cada passagem do texto que é fornecido por ele.

Outra coisa que, parece-nos, poderia contribuir significativamente para a leitura do texto, seria o acréscimo de notas que explorassem mais profundamente a relação do texto de Bhartṛhari não apenas com a tradição gramatical indiana, mas também com outras escolas indianas filosóficas de seu tempo. Embora o tradutor esclareça por vezes a que escolas se referem as teses discutidas por Bhartṛhari em seu texto, essas menções são em sua maior parte esparsas e se limitam a indicar a referência, em vez de explorá-la mais profundamente - o que nos parece ser uma pena, uma vez que um desenvolvimento um pouco mais elaborado de quais seriam as teses dessas escolas discutidas por Bhartṛhari poderia contribuir significante para a compreensão das teses defendidas por ele próprio. De fato, de uma maneira geral, o tradutor parece se eximir de fazer observações ou de tentar explicar mais profundamente as teses filosóficas discutidas no interior do texto, tanto de Bhartṛhari quanto de outras escolas indianas, imitando-se a fazê-lo, geralmente, quando essas teses estão especificamente ligadas a discussões técnicas gramaticais ou linguísticas.

Isso, porém, parece-nos se dever mais à modéstia do tradutor do que a qualquer outro motivo, uma vez que seu longo histórico de estudo e de trabalho com as tradições filosóficas indianas e com Bhartṛhari (tendo se dedicado à tradução do *Vākyapadīya* em seu doutorado e pós-doutorado) indica que ele seria perfeitamente capaz de explicar, ainda que de maneira introdutória, algumas das teses de outras escolas discutidas por Bhartṛhari no texto, bem como de oferecer interpretações que poderiam jogar alguma luz sobre as teses defendidas e expostas por Bhartṛhari em seu texto. De fato, por mais ousada que possa parecer tal sugestão, não nos pareceria de todo inviável a ideia de que, em edições futuras, o tradutor pudesse, além do comentário da *Vṛtti*, arriscar fazer o seu próprio comentário contemporâneo ao texto - uma prática já bastante comum e

consolidada no estudo e no trabalho contemporâneo com filosofias indianas. Tal comentário poderia, por exemplo, explicitar algumas das discussões filosóficas mais interessantes que parecem ocorrer no interior do texto, tal como, por exemplo, nos dísticos (por volta do 30 ao 43) nos quais Bhartṛhari defende o legado (*āgama*) como o único meio de conhecimento do absoluto invisível e como o meio privilegiado de conhecimento, e critica todas as pretensões de conhecer correta e seguramente a este invisível por meio da inferência racional, no que parece ser uma clara crítica à escola filosófica *Sāṃkhya* e à sua tese de que os princípios eternos e invisíveis, *Puruṣa* e *Prakṛti*, só poderiam ser conhecidos pela inferência, de tal maneira que o legado, enquanto meio de conhecimento, só teria um papel secundário. Tais contextualizações fornecidas por um comentário do próprio tradutor, me parece, seriam de grande valia para o esclarecimento de um texto extremamente denso e difícil tal como o de Bhartṛhari de fato é, e, acreditamos, fariam essa leitura mais interessante e enriquecedora para os estudiosos de filosofia indiana em geral.

Seja como for, é preciso louvar mais uma vez o admirável trabalho realizado pelo tradutor. Em um contexto como o do Brasil e o da América Latina como um todo, em que ainda temos pouquíssimas traduções das tradições filosóficas indianas à nossa disposição, é comum ter-se o receio de se arriscar a traduzir, quem dirá publicar tais traduções, dada a dificuldade oferecida pelos textos dessa tradição e as críticas a que, em razão disso, acaba-se por expor aquele que opta por tentar oferecer, muitas vezes pela primeira vez, traduções desses textos para o crivo do público. Entretanto, se esperamos que o estudo de tais tradições possa florescer entre nós, deve-se celebrar trabalhos precursores e com tanta qualidade como a tradução de Aprigliano, uma vez que é evidente que, sem que se deixe de reconhecer os desafios e obstáculos inerentes a tal empreitada, devemos ter a coragem de arriscar fazer e publicar traduções dessas obras e desses autores. É apenas por meio de trabalhos pioneiros como este com que se pode começar a criar e fortalecer entre nós o espaço de estudo, discussão e pesquisa que permitirá que as pesquisas nessa área avancem e que mais e melhores traduções possam eventualmente estar disponíveis para nós. Sendo assim, não é pouco admirável que Aprigliano tenha se disposto a ser um daqueles a tomar tal iniciativa, sobretudo com um livro tão desafiador, tanto do ponto de vista de sua compreensão quanto de sua tradução, como o livro I do *Vākyapadīya*, de Bhartṛhari.